

## - Mesa Redonda -

### Avaliação Musicoterápica na Hemofilia

MT Jônia Maria Dozza Messagi

#### Resumo:

O presente trabalho reflete sobre a avaliação em musicoterapia a partir do relato de uma experiência com pacientes hemofílicos tendo como embasamento teórico o referencial fenomenológico. Evidencia-se nesse transcurso a necessidade de entender as manifestações verbais/musicais do paciente e o que dizem do seu ser não musical, como condição para a compreensão do processo musicoterápico como um todo, na busca de uma atuação terapêutica adequada.

**Palavras chave:** processo de avaliação, fenomenologia, avaliação musicoterápica, manifestações musicais

#### Abstract:

This present piece of work reflects over an evaluation in music-therapy drawn out of a report about an experience with hemophilia patients theoretically supported by the phenomenological referential. As evidence shown in the process the necessity for the understanding of the verbal/music manifestations of the patient and of what is said about his own musical being as a condition for the understanding of the music therapy process as a whole in the quest for a suitable procedure.

**Keyword:** evaluation process, phenomenology, music - therapy evaluation, musical manifestation.

#### Algumas Considerações Sobre Avaliação

Antes de abordar o aspecto específico desta explanação, consideramos importante refletir sobre a avaliação em musicoterapia dentro da concepção fenomenológica. Salientamos que esse conhecimento é ainda incipiente, diante da profundidade que o assunto requer, necessitando de maior reflexão e estudo. Mas, entendemos fenomenologia como um método e uma visão de homem e mundo que poderá vir ao encontro de um fazer musicoterápico, respaldando a leitura do mesmo, uma vez que a fenomenologia busca o desvendar do fenômeno, (o) "ir as

próprias coisas", (o) entender o indivíduo tal como se apresenta, sem pré-conceitos. "essa atitude fenomenológica implica aceitação. Clientes que aceitam a si próprios não terão necessidade de julgar ou condenar sua experiência. Na relação terapêutica a aceitação do terapeuta parece abrir a possibilidade de auto-aceitação do cliente e isso lhe permite aprofundar sua própria *awaranness*" (HICNER & JACOBS, 1975, p. 75).

Quanto à avaliação, quando nos referimos a este assunto vem nos à mente a escola, com provas e testes. Mas num sentido prático podemos perceber que ela é algo que acontece nas mais diferentes esferas da vida. Estamos sempre avaliando, desde atividades simples do cotidiano, como a qualidade de um serviço, de um atendimento, de um alimento até as mais complexas como a profundidade de uma relação; se há competência no trabalho que realizamos, entre outras.

Mas por que avaliamos? Avaliamos para entender, ou nos apropriar de algo que conseqüentemente nos levará a uma ação. Esta ação, provavelmente vai estar embasada em valores, sejam morais, teóricos, práticos, filosóficos, que propiciarão mudanças.

Da mesma forma, é o que acontece no processo terapêutico, onde lidamos com pessoas, com as mais diversas necessidades e que vêm em busca de ajuda, mas para isso é preciso entendê-las. Nesse sentido, acreditamos a princípio, que esse 'avaliar' do qual estamos falando, surge, não no aspecto quantitativo, de mensuração, mas em um sentido qualitativo de perceber, entender, compreender, se apropriar, se sensibilizar e transcender o próprio material coletado, para levar o indivíduo a uma transformação!

Quando recebemos alguém para tratamento, antes de qualquer juízo de valor ou precipitação por aparências, que nos levam muitas vezes, a juízos errôneos, é importante situarmos *quem é esse indivíduo, em qual contexto ele se insere, em qual área da saúde ele se encontra*, pois esses dados já nos sensibilizam para uma ação mais clara e de respeito ao paciente e essa prática, longe de descaracterizá-lo ou desumanizá-lo, nos dará pistas para um entendimento maior e um caminho a ser tomado.

Avaliação em terapia surge como um instrumental de conhecimento que envolve uma busca ao passado, a vivência do presente e quais as perspectivas do futuro, ou seja, os movimentos de ser e estar na vida. Encontramos em FORGHIERI (2002), a descrição do que, para ela representa trabalhar sob o enfoque fenomenológico, e que respalda o que pensamos:

Gradativamente, fui compreendendo o enfoque fenomenológico como aquele que realmente abarca o existir humano em sua totalidade, abrangendo a tristeza e a alegria, a

angústia e a tranquilidade, a raiva e o amor, a vida e a morte, como pólos que se articulam numa única estrutura e cuja vivência dá a cada um dos extremos, aparentemente opostos, o seu real significado. (p.9-10)

Em musicoterapia, por trabalharmos com um material altamente simbólico evocado pela música, entendemos, que avaliar significa adentrar no mundo dessas manifestações a partir de meios, tais como: cantar, tocar, movimentar-se, que façam aflorar a expressão do indivíduo. Com isso, ele estará colocando conteúdos do mundo interno para o mundo externo, que acontecerá em maior ou menor profundidade na medida em que se estabelecem vínculos entre musicoterapeuta e paciente.

Cabe enfatizar que no processo avaliativo em musicoterapia é necessário aprofundar a compreensão e o entendimento dessa produção musical para enfrentar as questões que surgirão: o que fazer com esse conteúdo? Como tratá-lo terapêuticamente em benefício do paciente? O que a produção rítmico-sonoro, musical fala dele e, por extensão o que nos sugere sobre o seu *ser não musical*? O que esses conteúdos dizem desse indivíduo que está inscrito em um mundo, relacionando-se com pessoas, com desejos, temores, medos, anseios? Que pistas nos sugerem para um entendimento mais abalizado dele? Quais as possibilidades e os limites do uso terapêutico dessas manifestações? Como as experiências musicais se transformam em experiências terapêuticas?

### Procedimentos Metodológicos em Hemofilia

O Processo de avaliação aqui relatado, diz respeito a uma pesquisa que é realizada na Associação Paranaense de Hemofilia, A.P. H. uma entidade filantrópica particular que presta serviços nas áreas de medicina hematológica, serviço social, fisioterapia, odontologia, psicologia, educação hospitalar e musicoterapia.

Os atendimentos são ofertados em nível ambulatorial e de hospedagem, oferecida aos portadores de hemofilia, oriundos do interior do estado do Paraná e Santa Catarina. Nela os portadores da doença permanecem por tempo determinado pelo médico hematologista, que pode variar de uma semana a vários meses.

O trabalho de pesquisa começou em março de 2000 e optamos por trabalhar com pacientes que tivessem acima de 18 anos, com uma permanência maior na instituição, seguindo um procedimento metodológico específico. Esse procedimento é composto por alguns momentos, como: acolhida com verbal; uma parte rítmica / musical ativa; um momento de musicoterapia receptiva e um último momento

novamente com expressão verbal. No início e no fim de cada sessão tomam-se alguns dados, como: a frequência cardíaca, a verificação se o paciente está com dor ou não, e também ele preenche uma ficha que contém alguns sentimentos, onde ele registra o que sente no momento, ou coloca outros, que ali não estejam elencados.

É importante frisar que embora exista essa metodologia específica para a consecução do trabalho terapêutico, na verdade, ela surgiu em decorrência de uma avaliação prévia da comunidade da APH quando, em momentos de convívio inicial, pudemos entender o cotidiano do hemofílico e algumas características que a doença imprime ao modo de ser/estar do paciente. O que percebemos é que esses indivíduos fazem parte da área médico-hospitalar, e esse fato, subentende um cotidiano peculiar, de idas e vindas a hospitais, e que gera efeitos diferenciados sobre as emoções, além de: tensão, isolamento, resistência, incertezas, baixa auto-estima, dor crônica, aguda, lesões em várias partes do corpo, principalmente nas articulações, gerando com isso, ansiedade, depressão, além de alto grau de stress.

Cabe reforçar que embora os dados expliquem como a doença age no indivíduo isso não significa que ele seja visto, apenas *como o que a doença acarreta nele*. Pelo contrário, é importante vê-lo não só como alguém doente, mas como uma totalidade, "... buscamos compreender o fenômeno vivido de um modo abrangente... É sempre um olhar para o todo e não apenas para o sintoma" (ANGERAMI et al., p.101). E, para entendê-lo dessa forma, a leitura de suas manifestações musicais poderão ser de grande auxílio, pois as mesmas podem delatar fatos que a manifestação verbal não é capaz de significar. Assim, nessa área de atendimento, é de fundamental importância transformar a produção verbal, habitualmente intensa, e os sentimentos elencados em respostas/emissões musicais. Dessa forma, ele poderá ter uma compreensão maior de si mesmo e passar a entender, por exemplo, que o seu estado debilitado pela doença, no momento, não é ele todo, apenas parte de si, podendo descobrir sua riqueza interior esquecida.

Nesse processo de avaliação, é considerado *o aqui e agora* de cada indivíduo, em cada sessão e os dados são trabalhados e analisados de forma progressiva.

Dentro do exposto até agora, entendemos então, a prática avaliativa como um processo relacional em que o terapeuta vai percebendo o desvelar-se do paciente, as transformações ocorridas, na dimensão de "... uma avaliação que vai respondendo, na medida em que vai esculpindo e trabalhando seu objeto de atenção" (PENNA FIRME, 1994, p. 10).

### Considerações sobre a Avaliação do Processo Musicoterápico na Hemofilia

No primeiro e segundo encontro com o paciente, é feito um levantamento do gosto musical atual, bem como uma retrospectiva das músicas que marcaram momentos específicos de sua vida e um rastreamento da história musical particular, incluindo familiares.

Em seguida os instrumentos são perfilados em uma escala decrescente de timbres e intensidade sonora, do mais grave para o mais agudo, do mais forte para o mais fraco, para que ele possa sentir e perceber as possibilidades dos mesmos.

O trabalho é realizado basicamente com os instrumentos de percussão, que são levados à sessão, sobre canções que ele traz, ou que são propostas para ele, pela terapeuta, pois através dessas escolhas ele poderá colocar os sentimentos do momento, e também, a percepção do que essas escolhas podem significar, o que ele toca, como ele toca, que intensidade ele imprime ao tocar, em que andamento rítmico ele toca.

Enfim, o importante é o que se pode definir/entender com a produção sonora que ele faz com o instrumento, ou o significado oculto ou explícito nas canções, tanto na movimentação melódico/harmônica, quanto no conteúdo poético das mesmas.

Como o hemofílico é bastante retraído, resistente, tenso, percebe-se que mesmo que ele tente descrever o estado do momento com o instrumento, nem sempre o que está dentro dele, surge claramente na manifestação externa. Por isso, é importante, achar meios para ele confrontar ou colocar a proximidade entre o que não surge da sua expressão interna com o que ele expressa no externo. Isso é feito por meio da gravação, audição e reflexão do que sua produção musical significa para ele, entre outras formas. Assim, ele passa a compreender com mais clareza o seu estado, no momento, ou o sentimento que ele trouxe.

É importante frisar que, o caráter verbal é predominante nos encontros e o que acontece na terapia, é um movimento de integração som, música, palavra, levando-o a uma compreensão maior desse momento da vida. Assim, há momentos em que o sentimento é um e o que o paciente toca para descrever esse sentimento é outro, gerando uma certa dicotomia, muitas vezes entre o que foi dito e o que foi tocado. Avaliar esse processo supõe entender que cada sessão é uma construção dentro de uma estrutura estabelecida, mas com ampla margem de significações, improvisações e negociações que permitem entender quem é o sujeito e como ele vai se desvelando, vai se mostrando.

É necessário ressaltar que, dos elementos formadores da música,

há mais silêncio do que som, na sua forma de comunicação. Isso leva a uma atitude de cautela, para acolher a princípio os limites expressivos, os silêncios para evitar invasão através de uma linguagem, que é estranha à sua forma de expressão habitual cuja apropriação vai acontecendo, na medida em que o processo musicoterápico avança.

Considero importante salientar que o tema em questão: avaliação em musicoterapia, mais precisamente, avaliar o indivíduo por suas manifestações musicais, e se essas manifestações falam do ser não musical desse indivíduo, dizem respeito a pressupostos epistemológicos que ainda precisam ser aprofundados. Para isso, é importante que o número de pesquisas sejam significativamente maiores, pois só assim, poderemos ampliar a compreensão das manifestações musicais e o seu real significado para o indivíduo, contribuindo para um enriquecimento da ação Musicoterápica.

### Referências Bibliográficas

- ANGERAMI, Valdemar et al. **Psicoterapia fenomenológica existencial**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.
- PENNA FIRME, Thereza. Avaliação: tendências e tendenciosidades. In **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**. Vol. 1 - Jan./Mar, 1994.
- FORGHIERI, Yolanda Cintrão. **Psicologia fenomenológica: fundamentos, método e pesquisas**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.
- HYCNER, Richard & JACOBS, Lynne. **Relação e cura em gestalt: terapia**. São Paulo: Summus, 1997.
- MESSAGI, Jônia Maria Dozza. Relato de uma experiência em musicoterapia: a prática com pacientes hemofílicos. **Anais do II Encontro Nacional de Pesquisa e III Fórum Paranaense de Musicoterapia**. Curitiba: v. 1, p. 90/94, 2001.